

FOLHA LITERÁRIA

Informativo da Fundação Pedro Calmon e da Empresa Gráfica da Bahia n.º 07 - Ano 01 / 02 de julho de 2007

Foto: Reprodução do quadro "Primeiros Passos para a independência" (Antônio Parreira-RJ)



VIVA O 2 DE JULHO!

HINO AO "DOIS DE JULHO"

Nasce o sol a 2 de julho
Brilha mais que no primeiro
É sinal que neste dia
Até o sol é brasileiro!

Nunca mais o despotismo
Regerá nossas ações
Com tiranos não combinam
Brasileiros corações!

Cresce, oh! Filho de minh'alma
Para a pátria defender,
O Brasil já tem jurado
Independência ou morrer.

Salve, oh! Rei das campinas
De Cabrito e Pirajá
Nossa pátria hoje livre
Dos tiranos não será!

*Letra: Ladislau dos Santos Titara
Música: José dos Santos Barreto*

DESTAQUES

**Celebrações do
2 de julho.
Pág. 2**

**Poemas da
Independência.
Pág. 3**

**Cachoeira,
capital da Bahia.
Pág. 4**

Editorial

Ubiratan Castro de Araújo

Diretor Geral da Fundação Pedro Calmon

Há 184 anos, desde o 2 de julho de 1823, a Bahia celebra a sua Independência. Com ou sem o apoio governamental, o povo da Bahia jamais deixou de festejar os caboclos, os heróis de Pirajá, o martírio de Joana Angélica e a coragem de Maria Quitéria. Afinal, por que tanta festa? O historiador Joel Rufino dos Santos escreveu um livro cujo título é uma resposta: "O Dia em que o Povo Ganhou". Ficou na memória popular a lembrança da vitória resultante de um momento único em nossa história, quando senhores de engenho e escravos, latifundiários e sertanejos pobres, bacharéis e vaqueiros lutaram lado a lado contra um inimigo comum.

No dia 5 de julho, o caboclo voltou para a Lapinha, cada qual voltou para seu cada qual. Compromissos foram rompidos e promessas não foram cumpridas. Talvez por isso, a cada ano, nos festejos do 2 de Julho, as reivindicações sejam lembradas. Durante muitos anos, em razão das dificuldades de abastecimento ligadas ao persistente monopólio português do comércio, em cada 2 de Julho ocorriam "Matas-marotos". Já na metade do século dezenove, o movimento abolicionista ganhou as ruas nessas romarias patrióticas. Nos últimos 30 anos, em tempos de ditadura militar, os movimentos populares e oposicionistas vinham às ruas atrás do Caboclo.

Neste n.º 07, a Folha Literária homenageia o 2 de Julho e destaca os versos eloqüentes do poeta maior da liberdade, Antônio Frederico de Castro Alves. Que sua voz possa juntar-se a todas as vozes libertárias neste, que sempre foi o dia da festa da Liberdade!

Errata

Diferente do que publicamos na edição n.º 6 desta Folha Literária, ressaltamos que a professora Eneida Leal Cunha é Professora Doutora e Titular de Literatura Brasileira da UFBA.

Abaixo, segue a foto real do escritor Lima Barreto, homenageado na edição n.º 6.



O que se conta no Dois de Julho

Wlamyra R. de Albuquerque*

Todo ano, no mês de julho, os baianos são tomados pelo sentimento de pertencimento a uma mesma história, a independência do Brasil do domínio português, entre 1822 e 23. Desde 1824 que recontamos essa nossa epopéia, uma saga baiana pouco conhecida pelos outros brasileiros. As festas da independência, da fundação do império brasileiro, sobreviveram à República, atravessaram o século XX e continuam a ser algumas das mais importantes do nosso calendário festivo. Por que será? Bem, as comemorações da independência demonstram o quanto estamos dispostos a reconstruir certos fatos históricos que compõem a memória local. Contar e recontar os episódios de 1823 foi o jeito que inventamos para dizer sobre a nossa importância na história do povo brasileiro.

Não há dúvida de que sem a organização das autoridades políticas, militares e dos senhores de engenho do Recôncavo baiano, a resistência às tropas portuguesas na Bahia seria inviável. A articulação política, a organização das tropas, o bloqueio de envio de alimentos para Salvador e o próprio sítio à capital baiana foram artimanhas de guerra que garantiram a expulsão dos portugueses na madrugada do dois de julho. A idéia da autonomia política mobilizou os senhores de engenho, que trataram de criar e financiar batalhões patrióticos. Para senhores de escravos, negociantes e comerciantes nacionais, a independência do Brasil tornava possível que eles administrassem os seus negócios sem a interferência da Coroa portuguesa.

Mas os principais protagonistas desta vitória estavam nos pelotões patrióticos, que enfrentariam, além dos portugueses, a fome, a sede e o cansaço na longa jornada até os campos de batalha nos arredores de Salvador. Eram muitos negros libertos, escravos e brancos pobres. Para os escravos, a guerra contra os portugueses era uma oportunidade de conquistarem a alforria, uma espécie de recompensa patriótica do governo de D. Pedro, ou ainda para fugirem em meio à confusão e desespero dos senhores. Ao mesmo tempo, a vitória contra os portugueses só foi possível com o recrutamento desta gente preta e pobre. Deve ser por isso que o fim do domínio português foi, desde o princípio, uma festa popular, que em Salvador tem nos Caboclos seus principais símbolos.

***Wlamyra R. de Albuquerque** - Diretora de Arquivos da FPC; Profª. Drª. da UEFS; autora do Livro "Algazarra nas Ruas: Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).



Historiadores debaterão sobre os personagens e batalhas do 2 de Julho em palestras realizadas no Palácio Rio Branco, abertas ao público, sempre às 17h. Ainda dentro das comemorações, em parceria com a Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), serão publicadas a coleção "Independência da Bahia", com livros dos palestrantes e uma coletânea de imagens, documentos e inventário de títulos sobre a Guerra de Independência.

PROGRAMAÇÃO:

Dia 23 (segunda-feira) - Prof. Ubiratan Castro: "Guerra na Bahia";

Dia 24 (terça-feira) - Prof. Sérgio Armando Guerra Filho - "O povo e a guerra";

Dia 25 (quarta-feira) - Prof. Hilton Barros Coelho - "Do fico ao vai Dom Pedro";

Dia 26 (quinta-feira) - Profª. Wlamyra Albuquerque - "Algazarra nas ruas";

Dia 27 (sexta-feira) - Prof. Argemiro Ribeiro de Souza Filho - "O sertão baiano na Guerra de Independência"

Informações: 3116-6923/6925 (DIARQ)

2 de Julho nas Bibliotecas

EXPOSIÇÕES

BIBLIOTECA JURACY MAGALHÃES JR. - RIO VERMELHO

Independência da Bahia: Mulheres que se destacaram no 2 de Julho - De 1º a 31, das 8h às 17h

CASA DE CULTURA AFRÂNIO PEIXOTO - LENÇÓIS

Independência da Bahia - Fotos de Voltaire Fraga do início do Séc. XX - De 1º a 31, das 8h às 17h

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO - BARRIS

- 2 de Julho na visão dos artistas plásticos - Local: 3º andar - De 1º a 31, das 8h30 às 18h

- "O 2 de Julho" - Local: Foyer - De 4/07 a 3/08, das 8h30 às 21h

- Exposição mensal intitulada "Memória Fotográfica da Bahia". Interessados enviar e-mail para:

bpeb.docbai@fpc.ba.gov.br

Tema do mês: **Monumentos a 2 de Julho** - De 3 a 31

PALESTRA

BIBLIOTECA PÚBLICA THALES DE AZEVEDO

"A importância simbólica do 2 de julho na Bahia" - Palestrante: André Luiz da Silva Santos (Historiógrafo) - Dia 19, às 16h

Informações: 3117-6041 (DIBIP)

POEMAS SOBRE O 2 DE JULHO

Foto: Luiz Henrique - ASCOM/FPC



Foto: Luiz Henrique - ASCOM/FPC



Foto: Luiz Henrique - ASCOM/FPC



Monumentos aos heróis da independência: Largo da Soledade, Largo Dois de Julho (Campo Grande) e Largo da Lapinha.

Ao Dois de Julho

Castro Alves (Bahia - 1867)*

É a hora das epopéias,
Das Ilíadas reais.
Ruge o vento - do passado
Pelos mares sepulcrais.
É a hora, em que a Eternidade
Dialoga a Imortalidade...
Fala o herói com Jeová!...
E Deus - nas celestes plagas -
Colhe da glória nas vagas
Os mortos de Pirajá.

Há destes dias augustos
Na tumba dos Briaréus.
Como que Deus baixa à terra
Sem mesmo descer dos céus.
É que essas lousas rasteiras
São - gigantes cordilheiras
Do Senhor aos olhos nus.
É que essas brancas ossadas
São - colunas arrojadas
Dos infinitos azuis.

Sim! Quando o tempo entre os dedos
Quebra um século, uma nação...
Encontra nomes tão grandes,
Que não lhe cabem na mão!...
Heróis! Como o cedro augusto
Campeia rijo e vetusto
Dos séculos ao perpassar,
Vós sois os cedros da História,
A cuja sombra de glória
Vai-se o Brasil abrigar.

E nós, que somos faíscas
Da luz desses arrebois,
Nós, que somos borboletas
Das crisálidas de avós,
Nós, que entre as bagas dos cantos,
Por entre as gotas dos prantos
Inda os sabemos chorar,
Podemos dizer: "Das campas
Sacudi as frias tampas!
Vinde a Pátria abençoar!..."

Erguei-vos, santos fantasmas!
Vós não tendes que corar...
(Porque eu sei que o filho torpe
Faz o morto soluçar...)
Gemem as sombras dos Gracos,
Dos Catões, dos Espartacos
Vendo seus filhos tão vis...
Dize-o tu, soberbo Mário!
Tu, que ensopas o sudário
Vendo Roma - meretriz!...

Ai! Que lágrimas candentes
Choram órbitas sem luz! -
Que idéia terá Leônidas
Vendo Esparta nos paus?!...
Alta noite, quando pena
Sobre Árcole, sobre lena,
Bonaparte - o rei dos reis -,
Que dor d'alma lhe rebenta,
Ao ver su'águia sangrenta
No sabre de Juarez!?

Porém aqui não há grito,
Nem pranto, nem ai, nem dor...
O presente desmente
Do seu ninho de condor...
Mãos, que, outrora de crianças
A rir - dentaram as lanças
Dos velhos de Pirajá...,
De homens hoje, as empunhando,
Nas batalhas afiando,
Vão caminhando de Humaitá!...

Basta!... Curvai-vos, ó povo!...
Ei-los os vultos sem par,
Só de joelhos podemos
N'est'hora augusta fitar
Riachuelo e Cabrito,
Que sobem para o infinito
Como jungidos leões,
Puxando os carros dourados
Dos meteoros largados
Sobre a noite das nações.

**Do Livro "Espumas Flutuantes",
Editado em 1870**

***Castro Alves era neto do Major
José Antonio da Silva Castro, o
Piriquitão, herói da Independência
que criou e comandou o Batalhão
dos Piriquitos. O poeta herdou do
avô os ideais de liberdade.**

"Por um Bra-
sil de todos
nós, indepen-
dente, prós-
pero e feliz.
Este é o ideal
do 2 de julho,
ontem, hoje e
sempre."



Márcio Meirelles

Secretário de Cultura do Estado

Editorial

Ubiratan Castro de Araújo

Diretor Geral da Fundação Pedro Calmon

Há 184 anos, desde o 2 de julho de 1823, a Bahia celebra a sua Independência. Com ou sem o apoio governamental, o povo da Bahia jamais deixou de festejar os caboclos, os heróis de Pirajá, o martírio de Joana Angélica e a coragem de Maria Quitéria. Afinal, por que tanta festa? O historiador Joel Rufino dos Santos escreveu um livro cujo título é uma resposta: "O Dia em que o Povo Ganhou". Ficou na memória popular a lembrança da vitória resultante de um momento único em nossa história, quando senhores de engenho e escravos, latifundiários e sertanejos pobres, bacharéis e vaqueiros lutaram lado a lado contra um inimigo comum.

No dia 5 de julho, o caboclo voltou para a Lapinha, cada qual voltou para seu cada qual. Compromissos foram rompidos e promessas não foram cumpridas. Talvez por isso, a cada ano, nos festejos do 2 de Julho, as reivindicações sejam lembradas. Durante muitos anos, em razão das dificuldades de abastecimento ligadas ao persistente monopólio português do comércio, em cada 2 de Julho ocorriam "Matas-marotos". Já na metade do século dezenove, o movimento abolicionista ganhou as ruas nessas romarias patrióticas. Nos últimos 30 anos, em tempos de ditadura militar, os movimentos populares e opositores vinham às ruas atrás do Caboclo.

Neste n.º 07, a Folha Literária homenageia o 2 de Julho e destaca os versos eloqüentes do poeta maior da liberdade, Antônio Frederico de Castro Alves. Que sua voz possa juntar-se a todas as vozes libertárias neste, que sempre foi o dia da festa da Liberdade!

Errata

Diferente do que publicamos na edição n.º 6 desta Folha Literária, ressaltamos que a professora Eneida Leal Cunha é Professora Doutora e Titular de Literatura Brasileira da UFBA.

Abaixo, segue a foto real do escritor Lima Barreto, homenageado na edição n.º 6.



O que se conta no Dois de Julho

Wlamyra R. de Albuquerque*

Todo ano, no mês de julho, os baianos são tomados pelo sentimento de pertencimento a uma mesma história, a independência do Brasil do domínio português, entre 1822 e 23. Desde 1824 que recontamos essa nossa epopéia, uma saga baiana pouco conhecida pelos outros brasileiros. As festas da independência, da fundação do império brasileiro, sobreviveram à República, atravessaram o século XX e continuam a ser algumas das mais importantes do nosso calendário festivo. Por que será? Bem, as comemorações da independência demonstram o quanto estamos dispostos a reconstruir certos fatos históricos que compõem a memória local. Contar e recontar os episódios de 1823 foi o jeito que inventamos para dizer sobre a nossa importância na história do povo brasileiro.

Não há dúvida de que sem a organização das autoridades políticas, militares e dos senhores de engenho do Recôncavo baiano, a resistência às tropas portuguesas na Bahia seria inviável. A articulação política, a organização das tropas, o bloqueio de envio de alimentos para Salvador e o próprio sítio à capital baiana foram artimanhas de guerra que garantiram a expulsão dos portugueses na madrugada do dois de julho. A idéia da autonomia política mobilizou os senhores de engenho, que trataram de criar e financiar batalhões patrióticos. Para senhores de escravos, negociantes e comerciantes nacionais, a independência do Brasil tornava possível que eles administrassem os seus negócios sem a interferência da Coroa portuguesa.

Mas os principais protagonistas desta vitória estavam nos pelotões patrióticos, que enfrentariam, além dos portugueses, a fome, a sede e o cansaço na longa jornada até os campos de batalha nos arredores de Salvador. Eram muitos negros libertos, escravos e brancos pobres. Para os escravos, a guerra contra os portugueses era uma oportunidade de conquistarem a alforria, uma espécie de recompensa patriótica do governo de D. Pedro, ou ainda para fugirem em meio à confusão e desespero dos senhores. Ao mesmo tempo, a vitória contra os portugueses só foi possível com o recrutamento desta gente preta e pobre. Deve ser por isso que o fim do domínio português foi, desde o princípio, uma festa popular, que em Salvador tem nos Caboclos seus principais símbolos.

***Wlamyra R. de Albuquerque** - Diretora de Arquivos da FPC; Profª. Drª. da UEFS; autora do Livro "Algazarra nas Ruas: Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).



Historiadores debaterão sobre os personagens e batalhas do 2 de Julho em palestras realizadas no Palácio Rio Branco, abertas ao público, sempre às 17h. Ainda dentro das comemorações, em parceria com a Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), serão publicadas a coleção "Independência da Bahia", com livros dos palestrantes e uma coletânea de imagens, documentos e inventário de títulos sobre a Guerra de Independência.

PROGRAMAÇÃO:

Dia 23 (segunda-feira) - Prof. Ubiratan Castro: "**Guerra na Bahia**";

Dia 24 (terça-feira) - Prof. Sérgio Armando Guerra Filho - "**O povo e a guerra**";

Dia 25 (quarta-feira) - Prof. Hilton Barros Coelho - "**Do fico ao vai Dom Pedro**";

Dia 26 (quinta-feira) - Profª. Wlamyra Albuquerque - "**Algazarra nas ruas**";

Dia 27 (sexta-feira) - Prof. Argemiro Ribeiro de Souza Filho - "**O sertão baiano na Guerra de Independência**"

Informações: 3116-6923/6925 (DIARQ)

2 de Julho nas Bibliotecas

EXPOSIÇÕES

BIBLIOTECA JURACY MAGALHÃES JR. - RIO VERMELHO

Independência da Bahia: Mulheres que se destacaram no 2 de Julho - De 1º a 31, das 8h às 17h

CASA DE CULTURA AFRÂNIO PEIXOTO - LENÇÓIS

Independência da Bahia - Fotos de Voltaire Fraga do início do Séc. XX - De 1º a 31, das 8h às 17h

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO - BARRIS

- 2 de Julho na visão dos artistas plásticos - Local: 3º andar - De 1º a 31, das 8h30 às 18h

- "**O 2 de Julho**" - Local: Foyer - De 4/07 a 3/08, das 8h30 às 21h

- Exposição mensal intitulada "**Memória Fotográfica da Bahia**". Interessados enviar e-mail para:

bpeb.docbai@fpc.ba.gov.br

Tema do mês: **Monumentos a 2 de Julho** - De 3 a 31

PALESTRA

BIBLIOTECA PÚBLICA THALES DE AZEVEDO

"A importância simbólica do 2 de julho na Bahia" - Palestrante: André Luiz da Silva Santos (Historiógrafo) - Dia 19, às 16h

Informações: 3117-6041 (DIBIP)